

# Neoterrorismo ou a Guerra Ilimitada

## Seis Meses Depois...

Luís Filipe Lobo-Fernandes\*

*Os atentados de 11 de Setembro têm diversas características que prenunciam a metamorfose do terrorismo e o advento do neoterrorismo. Estaremos perante um novo tipo de guerra, uma guerra ilimitada que exclui qualquer hipótese de compromisso?*

Em 1975, no aeroporto internacional de Viena, na sequência de um atentado, o notório terrorista Carlos proclamava perante os seus reféns: “Começou a terceira guerra mundial”. Na mesma linha, que rapidamente se generalizou após o 11 de Setembro de 2001, ditava-se que os ataques terroristas aos Estados Unidos anunciavam o início da terceira guerra mundial, ou, ainda, que a partir daquela data nada seria como dantes! Noutro registo, o expoente do horror definido pelo embate dos aviões comerciais transformados em kamikazes contra as torres gémeas de Manhattan, e contra as instalações gigantescas do Pentágono, representaria o advento da primeira guerra verdadeiramente pós-convencional, ou seja, uma guerra *diferente* de todas aquelas que conhecêramos na história da humanidade. Representaram os ataques do dia 11 de Setembro último a “primeira guerra” de um novo tipo?

Antes de percorrer algumas questões que escolhi para este texto, em jeito de evocação, justificado parcialmente pelo insucesso (algo surpreendente) das buscas do paradeiro de Osama bin Laden e do Mullah Omar, cumpre-me partilhar a minha hesitação perante a inverosímil irracionalidade que todos presenciámos. Exprimo, não obstante, uma convicção: não pretendo encontrar causas últimas ou tortuosas para a barbárie, impossíveis de provar. Assim, que poderemos aduzir para além da dúvida pungente, interior? O exercício de intelecção dos avassalantes eventos de 11 de Setembro é especialmente árduo. Senão, vejamos. Até então pensava-se que o perfil médio do suicida-terro-



rista era um jovem de 19 anos de idade, ressentido, emocionalmente instável e mais ou menos iletrado. Ora, o retrato psicológico dos *pilotos* que assaltaram os comandos dos Boeings era bem diferente! Pilotos suicidas, com formação superior. Indivíduos que até à véspera dos ataques levaram uma vida normal, vivendo em áreas

residenciais, colocando disciplinadamente o lixo a horas, sabendo que no dia  $x$  iriam matar-se levando consigo milhares de vítimas! Um plexo organizacional – a Al-Qa’ida – possuidora de vastíssimos recursos financeiros, informatizada, altamente móvel, presumivelmente com ramificações em mais de sessenta países, composta de intelectuais, químicos e biólogos e detentora de uma espécie de bolsa de suicidas *à la carte*!

Ocorreu ou não uma metamorfose do terrorismo? Será que houve uma alteração significativa na tipologia dos chamados conflitos de baixa intensidade, a saber, um espectro de hostilidades comumente definido pela ausência técnica de batalha? A característica mais importante deste tipo de conflitualidade está na ultrapassagem do plano vertical da batalha clássica definida por ações militares abertas, para uma lógica horizontal multidimensional integrando as componentes civil, psicológica, sócio-económica e outras. Este modalidade de violência – distinta da guerra convencional – é, em contrapartida, altamente politizada. Num rápido relance sobre os conceitos mais usados ao longo das últimas semanas para tentar precisar a natureza deste terror hodierno, destacamos terrorismo global, terrorismo transnacional, terrorismo cibernético, hiperterrorismo e neoterrorismo, noção última que adopto aqui.

\* Professor de Relações Internacionais da Universidade do Minho

É esta guerra a última das clássicas ou a primeira das pós-modernas? Em que ficamos? Eu diria – em primeira leitura – que é ambas as coisas simultaneamente, na exacta medida em que aparenta ser uma guerra simbiótica. Inclui, por um lado, componentes neoterroristas (utilização de aviões comerciais pirateados contra alvos civis) e, por outro, componentes clássicas (os bombardeamentos realizados no decurso das acções de retaliação). Sabemos da teoria geral que o que caracteriza o terrorismo e sublinha a sua *força* é fundamentalmente o assassinato selvagem de pessoas indefesas. Conceptualmente, estamos perante uma tipologia de hostilidades localizada num dos extremos da referida escala dos conflitos

de baixa intensidade, ou seja, diante de formas hipersofisticadas de violência sem combate, de guerra não-declarada. Esta violência tem um carácter errático, difuso e transnacional, não faz distinção entre os níveis de segurança interna e externa, anula os conceitos tradicionais de frente e retaguarda, não distingue combatentes de não-combatentes, e, mais marcadamente, não faz distinção entre guerra e política. Podemos dizer que pulveriza simultaneamente as clássicas definições de Clausewitz e Lenine, ao redefinir a *política* como o exercício da própria violência.

Ora, uma das características mais marcantes do neoterrorismo é precisamente a exclusão de qualquer possibilidade de compromisso. É aparente que Osama bin Laden não ansiava qualquer vantagem política com vista a um processo negociado ortodoxo a empreender ulteriormente – como acontecera, por exemplo, com os objectivos dos extremistas palestinos nos atentados perpetrados durante os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Esta rede terrorista está a conduzir uma guerra ilimitada, e não a procurar qualquer acesso ao *status quo*.

Outra inovação patente nos acontecimentos de 11 de Setembro está incluívelmente na transmissão em directo dos ataques. A calendarização dos atentados para o início da manhã em Nova Iorque, a *programação* do atentado à segunda torre cerca de vinte e cinco minutos depois do ataque à primeira, visou, objectivamente, permitir a sua difusão ao vivo em todo o

mundo levando o terrorismo a uma escala sem precedente: a humilhação dos Estados Unidos em directo. Neste sentido, afigura-se-me que estamos também perante uma reconceptualização do terror pelo lado da cibernética.

Por outro lado, convém assinalar que aquilo que Bush chamou de “primeira guerra do século XXI” começou na realidade em 1993 quando os terroristas tentaram destruir o *World Trade Center*. Assim, para lá do choque decorrente da brutalidade do assassinato de milhares de inocentes, a essência política dos ataques de 11 de Setembro havia já sido revelada na tentativa parcialmente fracassada de 1993.

De facto, é no ataque ao coração dos Estados Unidos

– enquanto centro do império – que reside a principal novidade desta acção terrorista em termos de relações internacionais. O sucesso dos atentados de Setembro revelaria uma surpreendente, senão preocupante, vulnerabilidade não só da América mas também do conjunto dos países democráticos em matéria de recolha de informações. Em qualquer caso, uma grave insuficiência dos serviços de inteligência. Persuado-me, por via disso, que no campo estratégico os ataques de 11 de Setembro trouxeram já uma importante alteração conceptual no pensamento militar norte-americano até aqui baseado na dissuasão – cuja pedra angular é, como sabemos, a retaliação – para posturas de defesa mais robustas, dado que o que falhou foi a prevenção. Neste capítulo, o programa de defesa antimíssil teve um impulso determinante.

O êxito do ataque aos Estados Unidos assentou na combinação de duas forças aparentemente incompatíveis: uma interpretação “radical” – abusiva para alguns – do Islão e o uso do mais avançado aparato tecnológico para produzir danos consideráveis, mas ainda assim não terminais. Neste ponto, importa sublinhar que os ataques poderiam ter sido, realisticamente, complementados com armas químicas ou biológicas (ou até, nucleares). E, no entanto, não o foram. Podemos talvez por isso dizer com pequena margem de erro, que o não uso daquele tipo de armas nos deixou no penúltimo degrau da escalada, ou seja, no limiar do puro terror. ■

*Esta violência tem um carácter errático, difuso e transnacional, não faz distinção entre segurança interna e externa, frente e retaguarda, combatentes de não-combatentes, e, mais marcadamente, não faz distinção entre guerra e política.*

